

# Dívidas, também uma forma de crescer.

Com receio de que os investidores de capital de risco fiquem "traumatizados e desencorajados", o embaixador do Brasil na Inglaterra, Roberto Campos, manifestou-se ontem inteiramente contrário a uma eventual renegociação da dívida externa brasileira. Justificando seu receio, ele citou os exemplos da Polônia e da Turquia, que foram forçadas a renegociar a dívida e, segundo Campos, enfrentaram sérios problemas com investimentos.

Ao mesmo tempo em que afirmou que "ninguém se endivida pelo simples prazer de endividar-se", Campos considerou correta a política de endividamento e uma opção válida para manter o ritmo elevado de crescimento do País. Dentro de sua linha de raciocínio de apoio à política adotada por nossas autoridades econômicas, Campos observou que, ao contrário de outros países, o Brasil optou por uma transformação estrutural da economia, através da expansão industrial. Foi justamente essa opção, na explicação do embaixador, que levou o Brasil a um alto grau de endividamento. Nesse ponto, Roberto Campos deixou escapar uma crítica, lembrando que uma das principais causas do endividamento brasileiro talvez tenha sido a subestimação da crise do petróleo.

## Recessão

Mesmo quanto à recessão, Roberto Campos não se mostrou muito preocupado, achando que ela está setorizada, principalmente nas indústrias metalúrgicas e mecânicas. E ponderou: "Não existe processo indolor para combater a inflação, e quem descobrisse isso estaria cobrando royalties".

Ele fez uma rápida compara-

ção da economia brasileira atual com a de seu tempo de ministro. Lembrou que, na década de 60, a economia era menor, mais débil e recessiva com relação às matérias-primas, e que hoje ela precisa ser examinada por outro ângulo, tendo em vista o aumento dos preços do petróleo e a necessidade de expansão industrial.

Roberto Campos fez essas declarações ontem, em uma rápida entrevista à Imprensa, depois do almoço na CNI.

Quanto às taxas de juros internacionais, Campos disse que a queda dependerá "do jogo compasso-descompasso" da política monetária e fiscal dos Estados Unidos. Segundo ele, a tendência atual do presidente Ronald Reagan é de adotar uma política monetária restritiva, combinada com uma política fiscal expansiva; Campos acha que o fato não deverá provocar restrição no crédito e sustentar a atual taxa de juros (entre 8 e 10%), com possibilidades de cair para 5%.

Finalmente, Campos fez questão de reafirmar que os métodos utilizados para reativar a economia brasileira lhe parecem muito bons, porque, com a atual política econômica, visando à transformação estrutural, será permitida, no futuro, a existência de uma economia mais sólida. Considerou necessária uma reforma tributária no Brasil, por achar que o sistema fiscal "está maduro para isso". E voltou a admitir sua candidatura ao Senado, encerrando com a frase: "Todo governo que permanece no poder por muito tempo mostra sinais de cansaço e necessita de revitalização. E eu espero contribuir para essa revitalização".